



UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DAS MULHERES EMPREENDEDORAS DA CIDADE DE LAJINHA MG.

Autor: Mariana Souza da Silva

Orientador: Isabelle Werner de Lemos Brissio

Curso: Administração Período: 8º

Área de Pesquisa: Empreendedorismo feminino

Resumo: A expansão e consolidação da mulher na atividade de empreender tem afetado o desenvolvimento socioeconômico do país, impactando não só a vida profissional das empreendedoras, mas também na vida particular. Nesse sentido, com o objetivo de demonstrar o resultado da presença de um parceiro igualitário e de um parceiro tradicional para mulheres empreendedoras, na conciliação da vida familiar e profissional, realizou-se um estudo na cidade de Lajinha/MG onde foram ouvidas 32 empreendedoras, utilizando o método de análise de natureza quantitativa e qualitativa, com caráter de corte transversal, avaliando o impacto da mencionada presença do parceiro/ envolvimento deste na perceptiva dessas mulheres, buscando resultados através de dados primários. A barreira relacionada ao equilíbrio entre a demanda familiar e o trabalho, enfatiza que as mulheres dividem sua atenção entre, casa, filhos e demandas domiciliares, que impacta de forma negativa no fortalecimento e crescimento de seus empreendimentos. O apoio moral, financeiro e participativo/ ativo da família tem impacto positivo sobre mulheres empreendedoras, não só no empreendimento em si, mas também na divisão das tarefas em casa.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino; parceiro igualitário; parceiro tradicional.

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino vem apresentando ao longo dos anos relevante crescimento ao redor do mundo, como fruto da busca das mulheres pela equidade perante os homens e garantia dos direitos por elas conquistados, quebrando paradigmas e renovando o ecossistema empreendedor (MOLETTA, 2020).

Com base nisso, a presente pesquisa tem por objetivo demonstrar que a vivência das mulheres no casamento e na carreira é um fenômeno multideterminado que atravessa o social, o privado, a história e a cultura (YANNOULAS, 2013). Tal discussão se torna relevante no momento em que nos faz compreender aspectos de grande importância na vida das mulheres contemporâneas (MOLETTA, 2020).

Mulheres casadas que se tornam empreendedoras podem enfrentar desafios significativos no que diz respeito à vivência e a conciliação dessas duas dimensões da vida (YANNOULAS, 2013). Refletir e estudar teoricamente a inserção das mulheres no mercado de trabalho é de extrema importância, primordialmente, leva-se em consideração os estereótipos de gêneros atribuídos a cada sexo presente em nossa sociedade, bem como a desigualdade decorrente deles. É incontestável que as mulheres são as principais vítimas das desigualdades de gênero, principalmente no que se refere ao exercício profissional e salários (YANNOULAS, 2013).

Desta forma, o presente artigo, tem por escopo apresentar um debate teórico acerca da vivência das mulheres empreendedoras frente ao desafio família x carreira, com o objetivo de colaborar para uma reflexão crítica que possa tornar visível os aspectos da vida das mulheres profissionais casadas da nossa sociedade.

Através deste trabalho pretende-se realizar uma análise comparativa do impacto da presença de um parceiro igualitário ou tradicional na conciliação da vida familiar e profissional de mulheres empreendedoras e como afeta seu empenho e desenvolvimento no empreendimento bem como no seu desempenho empresarial e no desenvolvimento de suas carreiras, um estudo realizado pela autora deste estudo, na cidade de Lajinha/MG. Diante do exposto tem-se o seguinte problema de pesquisa: Qual é o impacto do envolvimento do cônjuge na conciliação da vida profissional e pessoal das mulheres empreendedoras?

Os seguintes objetivos específicos serão destinados ao estudo: (a) realizar um estudo teórico sobre as percepções de mulheres empreendedoras sobre o papel do cônjuge em sua vida pessoal e profissional, bem como a importância desse papel em suas carreiras; (b) Realizar uma pesquisa empírica sobre as experiências de mulheres empreendedoras que têm parceiros igualitários e tradicionais em relação ao equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, identificando os desafios e as estratégias adotadas por essas mulheres; (c) Investigar como o suporte do cônjuge influencia o desempenho empresarial e o desenvolvimento de carreira de mulheres empreendedoras.

Sobre as percepções de mulheres empreendedoras sobre o papel do cônjuge em sua vida pessoal e profissional, bem como a importância desse papel em suas carreiras, será realizada uma pesquisa empírica sobre as experiências de mulheres empreendedoras que têm parceiros igualitários e tradicionais em relação ao equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, identificando os desafios e as estratégias adotadas por essas mulheres de modo a investigar como o suporte do cônjuge influencia o desempenho empresarial e o desenvolvimento de carreira de mulheres empreendedoras.

Tais dados alertam, conseqüentemente, para a importância em considerar como as transformações sociais contemporâneas e os novos arranjos familiares atingem a estrutura e os padrões de funcionamento familiar, a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho.

2.DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

Inicialmente, cumpre mencionar que o empreendedorismo feminino é um movimento que cresceu consideravelmente no mundo inteiro nos últimos anos. O poder feminino está sendo cada vez mais incentivado, estimulando mulheres a acreditarem em sua força e correrem atrás de seus objetivos. Assim, pode-se dizer que os debates sobre empreendedorismo feminino estão em pauta em nossa atualidade, pois as mulheres tem dominado cada vez mais o mundo dos negócios.

A presença das mulheres nesse segmento é fruto do avanço na garantia dos seus direitos e no caminho à equidade entre homens e mulheres, sendo fundamental para a geração de um ecossistema empreendedor que propicie o surgimento de novas empresas.

Convém mencionar que no final do Século XVII e século XIX, a família moderna tinha papéis bem definidos, pois a mulher assumia o lugar de uma boa mãe, a qual se dedicava em tempo integral, sendo responsável pelo espaço privado, ou seja, o cuidado pelos filhos, pelo marido e pela casa, já ao homem, cabia-lhe o espaço público da produção, das grandes decisões e do poder familiar (COUTINHO, 1994).

Desta forma, percebe-se que a posição que a mulher ocupava no ambiente familiar proporcionava um *status* especial. A maternidade para as mulheres ao longo da história, era uma das únicas funções valorizadas socialmente, permitindo-a ser reconhecida, visto que o fenômeno da maternidade lhes promoveu o sentimento de pertencimento e uma posição aparente de prestígio (BORSA e FEIL, 2008).

A mulher era responsável por todo o desenvolvimento dos filhos, em tempo integral, sem horas para descanso ou férias, estando saudável ou doente, caso não realizasse tal função, poderia ser acusada ou se sentir culpada pela negligência. Já no final do século XIX, as mulheres trabalhavam exclusivamente em casa ou em negócios familiares. Os únicos afazeres permitidos fora de suas casas eram a educação de seus filhos, a enfermagem e o serviço doméstico, contudo, era restrito e estava limitado as moças de classe social baixa (COUTINHO, 1994).

Na Segunda Guerra Mundial, a mão de obra masculina ficou escassa nas indústrias, pelo fato de os homens terem que prestar seus serviços ao exército. Desta forma, as mulheres acabaram assumindo os postos de serviços vagos, substituindo os homens em seus trabalhos nas fábricas. Assim, para que as mulheres pudessem desenvolver melhor seus novos papéis profissionais, foram criadas creches e cantinas, abrindo-se assim mais vagas no mercado de trabalho para elas, possibilitando o distanciamento da ocupação, que na época era sacramental, do cuidado exclusivo dos filhos (COUTINHO, 1994).

Já no século XX, as mulheres iniciaram suas atividades em comércios, como vendedoras e nos escritórios como secretárias, aumentaram também sua participação no ensino e nas fábricas. Assim, os papéis de esposa e mãe em tempo integral foram alterados. Tal ideologia não tardou a chegar no Brasil e possibilitou uma nova forma de construção de identidade social para a mulher (COUTINHO, 1994).

Os movimentos feministas que eclodiram na década de 1960 nos países desenvolvidos, foram essenciais para impulsionarem o sentimento de descontentamento das mulheres, tal movimento chegou com um certo atraso no Brasil, mas proporcionou a mudança no papel e na posição da mulher diante da sociedade Brasileira (COUTINHO, 1994).

Não é nenhum segredo que as mulheres enfrentaram uma série de problemas em seu cotidiano devido a desigualdade de gênero. O preconceito, por exemplo, acaba gerando situações estressantes e difíceis no trabalho, ocasionando até mesmo perda de oportunidades de crescimento, sem contar a desigualdade salarial entre os homens

e mulheres, que ainda hoje existe e as prejudica cada vez mais. Empreendendo, o público feminino pode conquistar seus direitos e dar um passo à frente ao fim da desigualdade de gênero, alcançando a equidade de faturamento.

Uma das principais razões pela qual a mulher opta por ter o seu próprio negócio é a flexibilidade de horários, tendo em vista que elas acreditam que, sendo donas da própria empresa, poderão compatibilizar trabalho e família (GOMES e SANTANA, 2004).

Pode-se dizer que a entrada da mulher no mercado de trabalho trouxe significativas mudanças na estruturação da família. Dentre algumas transformações ocorridas, destaca-se a diminuição no número de filhos por casal. De acordo com os dados obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) houve um aumento no número de casais sem filhos, sendo que este tipo de configuração vem crescendo atualmente.

O processo de socialização contribuiu para acentuar hierarquias e fomentar processos de dominação e subordinação (YANNOULAS, 2013). Origina-se daí a necessidade de se problematizar a dimensão de gênero, eis que as construções sociais a respeito das atividades que pertencem a um e a outro sexo foram realizadas socialmente e delimitam espaços de experiências diferentes para os homens e para as mulheres, tanto na esfera privada quanto na pública, isto é, no casamento, na família ou no mundo do trabalho.

A primeira idéia de empreendedorismo partiu do conceito de transformar recursos disponíveis em negócios lucrativos. Uma expectativa frustrada de divisão de tarefa doméstica com o cônjuge ou com outros membros da família, a necessidade de uma maior dedicação de horas de atuações de trabalho a ambiguidade entre a objetividade profissional e a ternura familiar, da mesma forma colaboram para a incompatibilidade de pressões entre o trabalho e a família, gerando custos sociais não calculáveis, como o estresse, o afastamento do trabalho por doenças físicas e/ou emocionais, ou pela falta de acompanhamento dos dependentes.

Pode-se dizer, que as mulheres abrem suas empresas por diversos motivos, tais como: desejo de realização e independência, percepção de oportunidade de mercado, dificuldade em ascender na carreira profissional em outras empresas, necessidade de sobrevivência e como maneira de conciliar trabalho e família (MACHADO, ST-CYR, MIONE E ALVES, 2003).

Por muitas vezes, a decisão das mulheres em trabalhar por conta própria é complexa por vários motivos, eis que elas possuem maior propensão em assumirem as responsabilidades familiares, primordialmente aquelas que têm filhos mais novos, existindo a necessidade de uma maior flexibilidade de horário através dos motivos da família para se tornarem mais independentes. Os referidos autores relatam que o comportamento convencional e conservador do qual se inferem que as mulheres foram feitas para permanecer em casa, criando os filhos e fortalecendo os valores familiares convencionais até esse momento é difundida (WELSH E DRAGUSIN, 2006).

Abrindo um parêntese quanto a relação conjugal, que é foco e objeto de pesquisa deste estudo, os efeitos históricos geram impactos até a atualidade quanto a relação de discriminação estrutural do papel da mulher no lar e no trabalho, mais evidente quando esposa, mãe e empreendedora. Quando identificado essa reação do parceiro/ cônjuge em caráter negativo e com discriminação, trata-se aqui neste estudo como um parceiro tradicionalista, e quando a visão do parceiro for de compreensão e responsabilidades, mutuas e iguais, do profissionalismo e familiar, for tratada de maneira respeitosa, identifica-se como parceiro igualitário (WELSH e DRAGUSIN, 2006).

Voltando ao contexto, o número de mulheres que trabalham fora de casa e contribuem de forma igualitária com a renda da família está cada vez mais expressivo. Pode-se dizer que além de serem mães, várias mulheres se preocupam com a realização acadêmica, valorizando a construção de uma carreira profissional, objetivando nessas atividades uma condição necessária ao sucesso de sua vida. Do mesmo modo, os trabalhos das mulheres passam a garantir por diversas vezes, a subsistência das famílias (LIPOVETSKY, 2000, PAPALIA E OLDS, 2000; ROCHA-COUTINHO, 2000, ANDRADE, POSTMA E ABRAHAM, 1999).

Os processos de tensão e acumulação da combinação dos papéis da interface trabalho-família fornecem dados para exemplificar que a família pode influenciar negativamente o trabalho por meio de conflitos, positivamente pelo sentimento de enriquecimento ou ambos pelos processos de combinação (BOZ, MARTÍNEZ, E MUNDUATE, 2015).

A pesquisa Empreendedorismo no Brasil de 2022, realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), mostrou que os homens estão à frente das mulheres na categoria empreendedores estabelecidos. Ou seja, aqueles ou aquelas que administram e são proprietários de um negócio considerado consolidado, que pagou salário ou contou com outra forma de remuneração para os proprietários por mais de 42 meses. Enquanto eles representavam 66,3% de empreendedores desse tipo, elas eram 33,7%.

Debora Spar (2020) realizou um estudo sobre a importância da participação do cônjuge no crescimento profissional da mulher, para ela, atualmente, muitos maridos entenderam a relevância do incentivo, mas, devido a bagagem histórica enraizada, eles não sabem como fazê-lo.

Dadas estas circunstâncias, é prevista uma série de desafios que estão incorporados aos fatores contextuais, incluindo a estrutura familiar, o estado de bem-estar, a economia, a história local, os papéis de gênero e o país. Os autores complementam, que o aumento da autossuficiência para as mulheres é, obviamente, bom, mas vem com o custo de um sistema de bem-estar desmontado. Sendo assim é uma situação delicada, pois nem todas as mulheres são capazes de contratar outras mulheres para cuidar de suas famílias ou para realizarem a parte do trabalho não remunerado (MOLLETA, 2020).

Naidu e Chand (2017) apontam: “As barreiras enfrentadas no Empreendedorismo Feminino se diferem das barreiras enfrentadas pelos empreendedores do sexo masculino. Um exemplo apontado pelos autores é da percepção tradicional de que as mulheres são mais “fracas” do que os homens, elevando a desigualdade de gênero”.

Hyttiet *al.* (2017), destacam: “as mulheres não são suscetíveis para serem nomeadas como sucessoras em empresas familiares, enquanto filhos do sexo masculino assumem cargos influentes nas empresas”.

No mesmo sentido, Stead (2017) observa: “as mulheres raramente são identificadas como sucessoras em empresas familiares devido as divisões de gênero na família entre “chefe de família” e “esposa e mãe”, pois os filhos, do sexo masculino de empresas familiares eram vistos como “herdeiros aparentes”.

Tal diferença entre homens e mulheres tem sido recorrente ao longo dos anos, principalmente no empreendedorismo estabelecido, levantando o questionamento sobre as razões que levam as mulheres a terem negócios menos longevos que os homens (GEM, 2019). No GEM (2016) sugerem que a diferença entre estes percentuais pode estar relacionada ao preconceito de gênero, menor credibilidade no mundo dos

negócios, dificuldades de financiamento e dificuldade para conciliar empreendimento e família (MOLLETA, 2020).

Moletta (2020) corroborando com os autores citados neste trabalho, aponta em seu estudo realizado em um Arranjo Produtivo Local (APL), que as mulheres empreendedoras não se sentiam preparadas para expandir os seus negócios, e a maioria apontou que “sem alguém em quem pudessem confiar, talvez não tivessem conseguido chegar aonde chegaram”, demonstrando o quanto as mulheres consideram importante o apoio da família.

O crescimento do número de empreendimentos conduzidos por mulheres justifica a tendência de os estudos se dedicarem-se aos assuntos derivados do conflito trabalho-família dentro do contexto feminino de realização pessoal. O fato de as mulheres estarem cada vez mais presentes no mercado de trabalho, tanto na condição de funcionárias como na de empreendedoras, inevitavelmente ocasiona impactos de toda ordem.

2.2. Metodologia

O presente trabalho versa acerca de uma pesquisa empírica com abordagem qualitativa e quantitativa delineada em um estudo de caso, tendo por base o objetivo deste estudo, que é identificar o impacto do envolvimento do cônjuge na conciliação da vida profissional e pessoal das mulheres empreendedoras no município de Lajinha/MG, para realização desse estudo foi utilizado o método de análise de natureza quantitativa e qualitativa, com caráter de corte transversal, o que significa que foi realizada uma única vez no tempo.

Gil (2006) aduz que em geral, as pesquisas empíricas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. O referido tipo de pesquisa, possibilita ao pesquisador descrever um fenômeno ou situação em detalhes, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

Com relação à análise qualitativa e quantitativa dos resultados Gil (2006) afirma que a utilização das duas abordagens permite a complementação das informações, o que, por sua vez, enriquece a análise e discussões finais. Assim, é possível entender que a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos.

Por este ângulo, a quantificação dos dados fortalece os argumentos e caracterizam-se como importantes indicadores para a análise qualitativa. O estudo de caso caracteriza-se pela investigação aprofundada de um determinado objeto, permitindo assim a obtenção de conhecimento da realidade e fenômenos estudados (VENTURA, 2007).

A pesquisa empírica trata-se de uma estratégia que possui vantagens específicas quando: “faz-se uma questão tipo ‘como’ ou ‘por que’ sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos do qual a pessoa que está pesquisando possui pouco ou nenhum conhecimento”.

Na visão dos autores supracitados o benefício de se utilizar do presente estudo de caso está na possibilidade de explorar processos sociais à medida que eles se desenrolam nas organizações, proporcionando assim, uma análise processual, contextual e longitudinal das várias ações e significados que se manifestam e são construídas dentro delas.

Assim, objetivando atender o escopo proposto, na primeira fase deste trabalho utilizou-se a pesquisa bibliográfica a fim de obter conhecimento prévio da situação em que se encontra um assunto na literatura da área, em seguida foi utilizado a metodologia de estudo de caso.

Pode-se dizer que a pesquisa empírica é uma pesquisa realizada no cotidiano, diante das experiências.

2.3 Caracterização do cenário de pesquisa

Com base no conceito acima tem-se a seguinte abordagem para realização da pesquisa que abarca este estudo, sendo a construção do questionário, que será aplicado no período de 13 a 19 de junho de 2023 para as mulheres empreendedoras do município de Lajinha/MG com amostragem por conveniência de 32 (trinta e duas) respondentes, será estabelecido em três momentos, sendo descrito abaixo:

- Primeiro momento será identificado o perfil da amostra;
- Segundo momento por meio da construção da abordagem teórica deste estudo construiu-se questões que norteiam a busca por identificação das experiências de mulheres empreendedoras que têm parceiros igualitários e tradicionais em relação ao equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, identificando os desafios e as estratégias adotadas por essas mulheres;
- Terceiro momento identificar como o suporte do cônjuge gera a percepção da empreendedora sobre a influência em seu desempenho empresarial e o desenvolvimento de sua carreira.

Cabe ressaltar que o questionário foi realizado junto a 32 (trinta e duas) mulheres empreendedoras da cidade de Lajinha-MG, como réplica adaptada da pesquisa de Moletta (2020), onde foi utilizado como base para a construção das perguntas os pontos principais considerados pela autora como qualidade de vida da mulher empreendedora, sendo esses as distribuições dos construtos para a realização das perguntas e identificação do impacto dos cônjuges na vida das mulheres empreendedoras.

Cabe ressaltar que a estrutura metodológica utilizada colabora com os conceitos de HAIR (2005), onde a característica da metodologia de estudo qualitativa condiz com a classificação em escala Likert das percepções das mulheres empreendedoras, utilizando assim como construtos os conceitos destacados e aplicados nos estudos de Moletta (2020) como fonte de elaboração das variáveis deste estudo. Conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1: Questionário da pesquisa

Fonte: Elaborada pela autora

CONSTRUTOS	FATORES E SENTIMENTO	PERGUNTA
EQUILÍBRIO ENTRE VIDA E TRABALHO	Positivos	Eu e meu parceiro juntos equilibramos com tranquilidade o dia a dia pessoal e do meu empreendimento.
Felicidade	Positivos	Eu e meu parceiro juntos nos preocupamos com as nossas emoções, seja quando estou feliz ou triste
Autonomia / Liberdade	Positivos	Eu tenho autonomia para sair de casa sem preocupação quando o meu trabalho necessita de mim.

		O meu parceiro me dá suporte com nossos filhos para que eu tenha Liberdade de atender o meu negócio a qualquer momento.
Tempo para socialização	Positivos	Tenho liberdade de sair com meus amigos e familiares sem me preocupar com ciúmes do meu cônjuge.
Atividade domestica	Positivos	Eu e meu parceiro tratamos as atividades domesticas de forma igualitária.
Criatividade	Positivos	Meu parceiro desperta minha criatividade.
Participação em redes/ Alianças estratégicas	Positivos	Eu tenho incentivo do meu parceiro para adquirir experiências profissionais. Meu parceiro me incentiva a buscar novos contatos para ampliar minha <i>network</i> .
Traços de personalidade	Positivos	Eu acredito que meu parceiro tem personalidades de um cônjuge tradicional (Que acredita que as responsabilidades do lar, família e filhos são somente da mulher). Eu acredito que meu parceiro tem características de um cônjuge igualitário, (Que acredita que as responsabilidades do lar, família e filhos são de ambos).
Inovação	Positivos	Meu parceiro me incentiva a sempre buscar as melhores inovações para o meu negócio.
Culturas masculinas	Positivos	Meu parceiro tem comportamentos e falas que me fazem sentir reprimida.
Empoderamento da mulher	Positivos	Meu parceiro me faz sentir empoderada.
Acesso a financiamento e a capital	Positivos	Recebi ajuda financeira do meu parceiro para empreender.
Estresse	Negativos	Meu parceiro compreende quando estou estressada.
Horas extras/ Longas jornadas de trabalho	Negativos	Acredito que tenho uma jornada de trabalho maior que a do meu parceiro. Meu parceiro compreende quando tenho longas horas de trabalho.
Pressão financeira ou do trabalho	Negativos	Diante das crises financeiras tenho apoio do meu cônjuge para resolver melhor a situação.

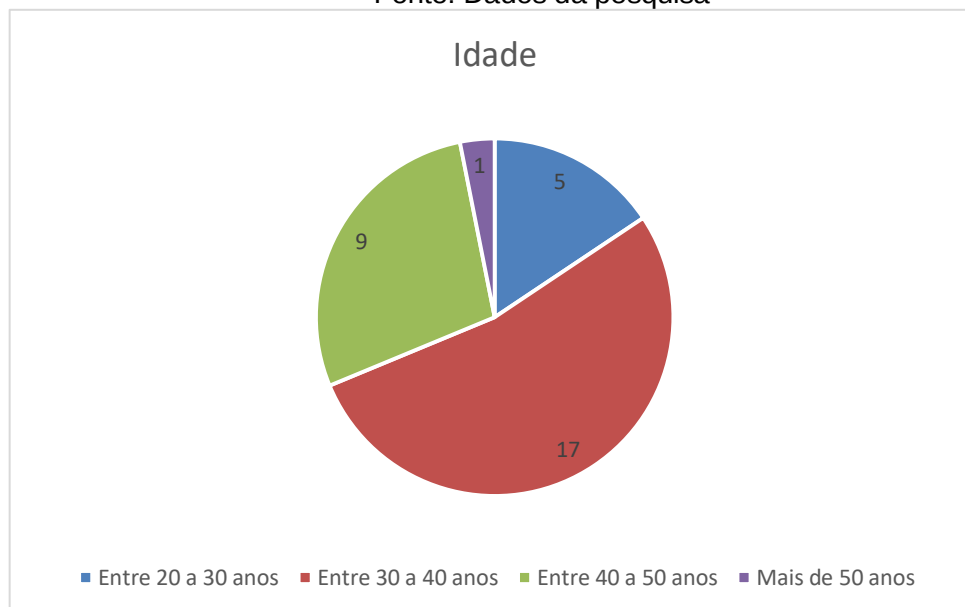
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 Perfil da Amostra

Para pesquisa de campo foi realizado entrevista com 32 (trinta e duas) mulheres, sendo feita 33 perguntas diversas, observa-se no gráfico 1.:

Gráfico 1: Idade do grupo amostral

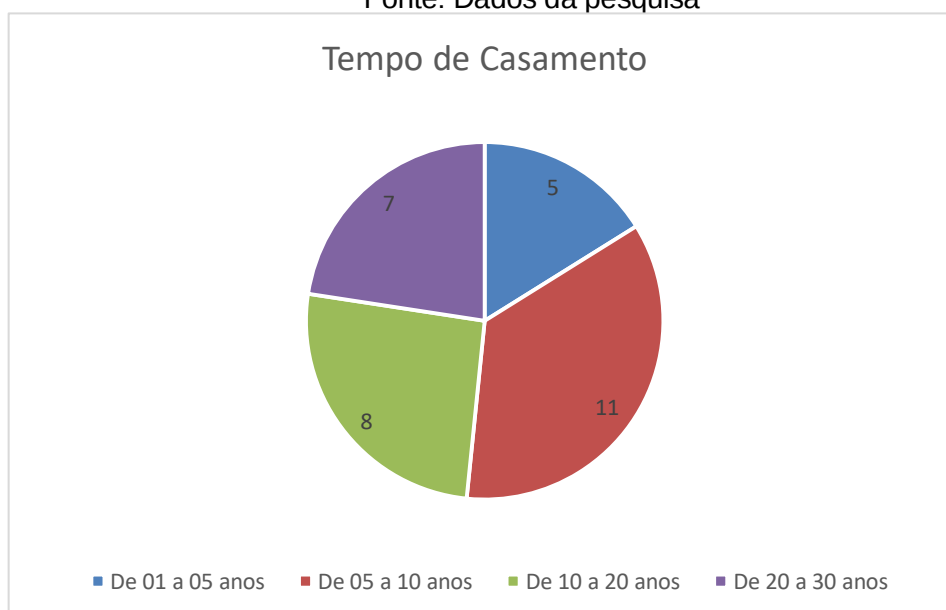
Fonte: Dados da pesquisa



Voltada para a vida pessoal das entrevistadas, em relação a idade, 53,1% delas possuíam entre 30 e 40 anos de idade, 28,1% delas possuíam entre 40 e 50 anos de idade, 15,6% delas possuíam entre 20 a 30 anos de idade e 3,1% delas possuíam acima de 50 anos de idade.

Gráfico 2: Tempo de casamento do grupo amostral

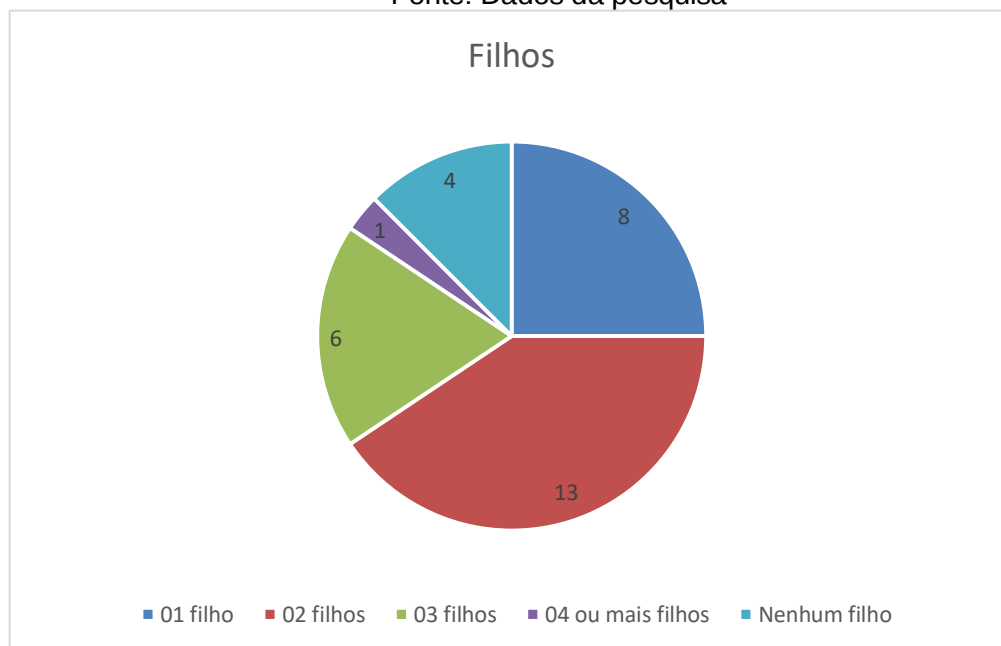
Fonte: Dados da pesquisa



Com relação ao estado civil das entrevistadas 15,6% delas possuíam de 1 a 5 anos de casada, 18,8% entre 20 e 30 anos de casada, 25% entre 10 a 20 anos de casada e 40,6% possuíam entre 10 a 20 anos de casadas.

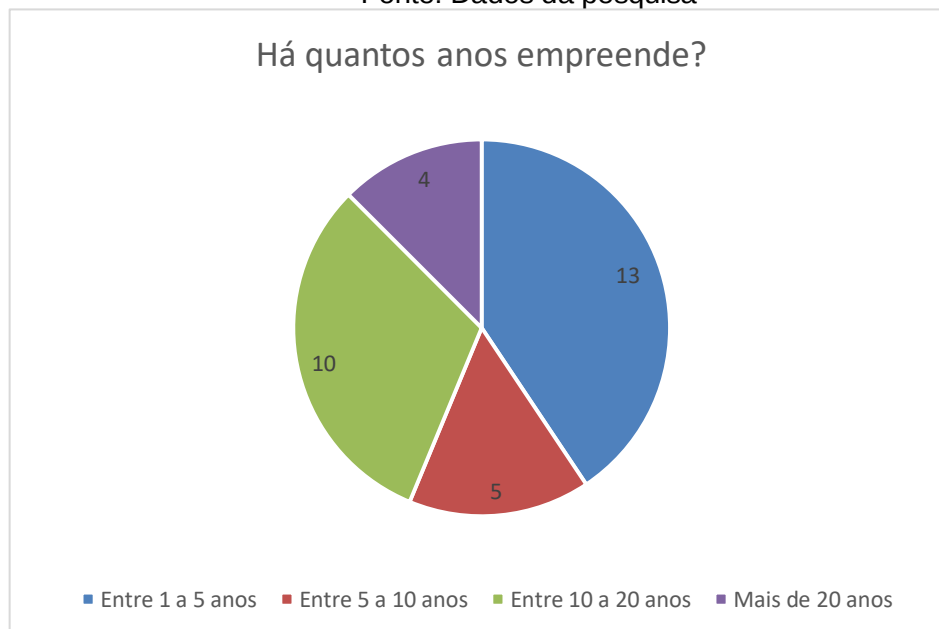
Gráfico 3: Quantidade de filhos do grupo amostral

Fonte: Dados da pesquisa



Em relação a quantidade de filhos, 40,6% delas responderam que possuíam 2 filhos, 25% responderam que possuíam 1 filho, 18,6% delas responderam que possuíam 3 filhos, 12,5% delas responderam que não possuíam filhos e 3,1% responderam que possuíam mais de 4 filhos.

Gráfico 4: Tempo de empreendimento do grupo amostral
Fonte: Dados da pesquisa



Perguntado a essas mulheres a quantos anos elas trabalham com algum empreendimento, 40,6% delas responderam que entre 1 a 5 anos, 31,3% responderam que entre 10 a 20 anos, 15,6% delas responderam que entre 5 a 10 anos e 12,5% delas responderam que há mais de 20 anos.

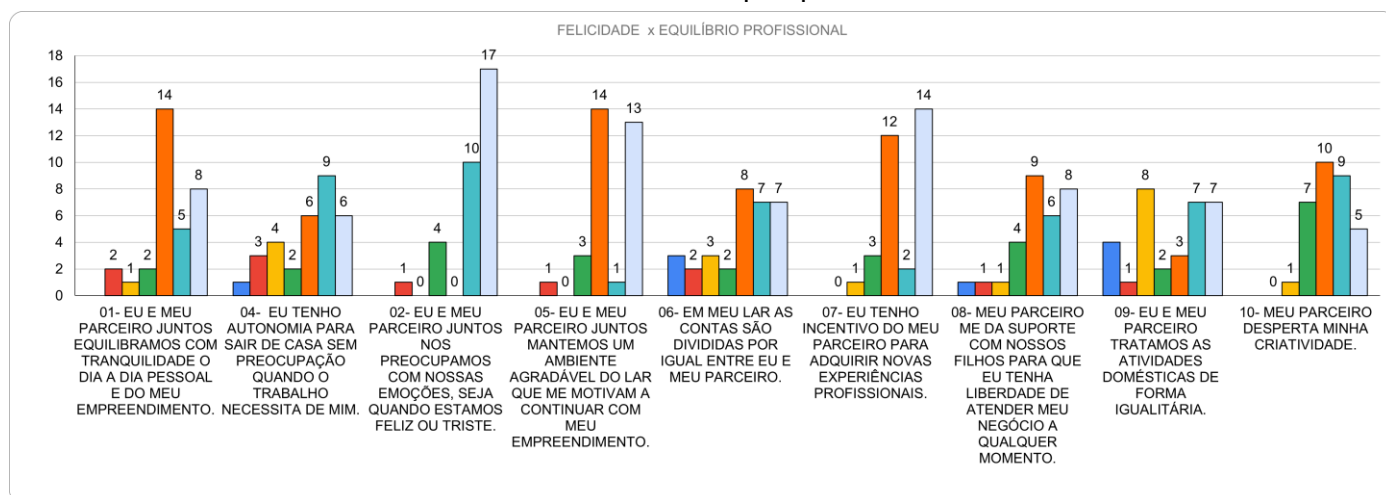
Neste momento identifica-se o contexto de relacionamento da vida profissional e pessoal das mulheres entrevistadas. Cabe ressaltar que todos os dados elencados são relacionados a este grupo amostral, onde destinou identificar o impacto da vida do conjugue na conciliação da vida profissional e pessoal das mulheres empreendedoras.

Abarcando o estudo de Moletta (2020) como aspecto fundamental de identificação da qualidade de vida das mulheres, alinhou este conceito à relação conjugal, em busca de responder a problemática deste estudo. Os gráficos 1, 2 e 3 abaixo relacionadas apresentam o impacto que este grupo amostral possui no relacionamento com o conjuge tradicionalista ou igualitário e como isso impacta no desempenho profissional à percepção das próprias mulheres.

EMPREENDEDORAS PARTICIPANTES

Gráfico 5: Percepção da Felicidade e equilíbrio profissional das mulheres empreendedoras.

Fonte: Dados da pesquisa



Em relação as perguntas específicas, apresentadas no gráfico 1, voltadas para a felicidade e equilíbrio profissional das empreendedoras entrevistadas, mais de 80% concordaram que equilibram com tranquilidade o dia a dia pessoal e o empreendimento, junto com o parceiro. Seguindo o mesmo raciocínio, 84% das mulheres concordaram que o parceiro se preocupa com suas emoções, seja quando estão felizes ou quando estão tristes, 12,5% se abstiveram de responder essa pergunta e apenas 3,5% discordaram desse ponto.

Sobre possuírem autonomia para sair de casa para resolver questões do trabalho, cerca de 68% das entrevistadas concordam que podem sair a qualquer momento sem preocupação, 6,5% se abstiveram de responder e 25,5% não se sentem livres para sair de casa sem preocupação para resolver questões relacionadas ao empreendimento.

Quando questionados sobre conseguir manter um ambiente agradável no lar, em parceria com o companheiro, de modo a se sentir motivada a continuar com o seu empreendimento, 84% responderam de maneira positiva, 9,4% se abstiveram de responder, enquanto apenas 3,1% discordaram.

Quanto a divisão de contas no lar, 69% das entrevistadas responderam que são divididas por igual com o parceiro, 6,3% não responderam a pergunta e cerca de 24,7% das mulheres responderam que a divisão não ocorre por igual.

Sobre receberem incentivo do parceiro para adquirir novas experiências profissionais, o número de respostas positivas também foi alto – 87,6% das empreendedoras recebem, 9,4% não responderam e 3% disseram não receber esse apoio.

Em relação a receberem suporte do parceiro para cuidar dos filhos do casal, de modo que tenham liberdade de atender seu negócio a qualquer momento, 77% das

mulheres responderam de forma positiva, 13,3% se abstiveram e 9,7% responderam de forma negativa.

O número de respostas positivas caiu quando questionadas se o parceiro trata as atividades domésticas de forma igualitária. 41% discordaram, 6,3% se abstiveram e 52,7% concordaram.

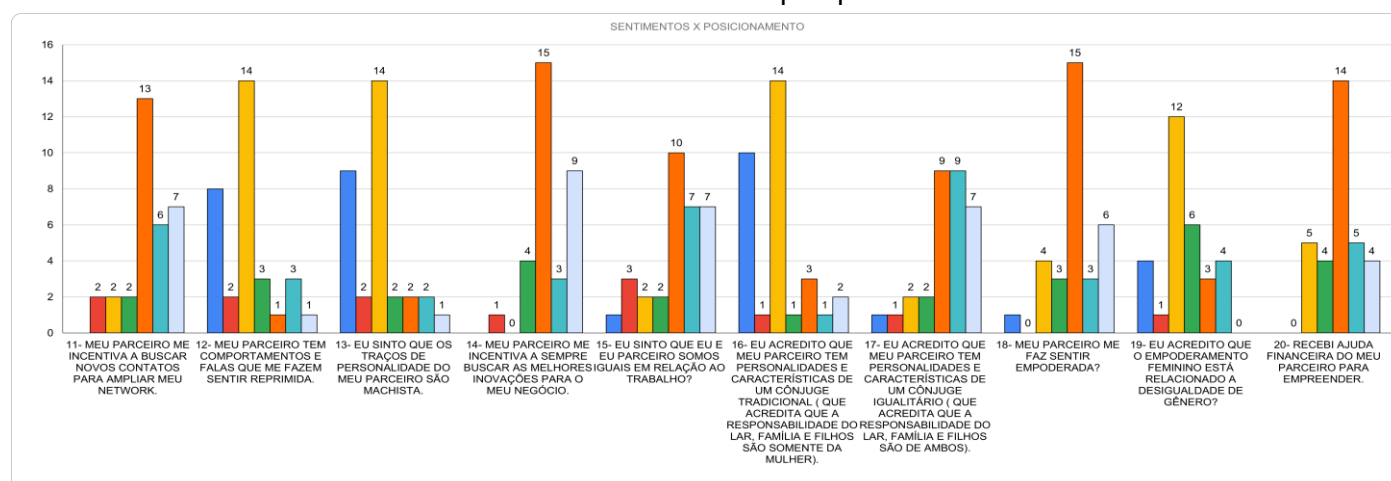
Quando questionadas sobre o parceiro despertar a criatividade nelas, o número de abstinências subiu para 21,9%, 31,1% consideraram que o parceiro não desperta a sua criatividade e 47% responderam de maneira positiva.

Quanto ao incentivo, por parte do parceiro, para que as empreendedoras busquem novos contatos para aprofundar o network, 81,3% concordaram, 6,3% se abstiveram de responder e 12,4% discordaram.

No geral, é possível observar que, quando o assunto foi a felicidade e equilíbrio da vida profissional e pessoal das mulheres entrevistadas, encontrou-se respostas positivas relacionadas ao apoio do parceiro, demonstrando que as empreendedoras do município de Lajinha/MG conseguem cumprir com certa tranquilidade o desafio trabalho x família.

Gráfico 6: Percepção do SENTIMENTO X POSICIONAMENTO DAS EMPREENDEDORAS ENTREVISTADAS

Fonte: Dados da pesquisa



Agora, identificando os resultados da tabela 2, analisando as perguntas voltadas para o comparativo sentimento x posicionamento das empreendedoras entrevistadas, 68,8% discordaram que o parceiro possui comportamento e/ ou falas que lhe fazem sentir reprimida, 9,4% se abstiveram de responder a pergunta e 21,8% concordaram que em alguns momentos se sentem reprimidas pelo parceiro.

Mantendo o mesmo padrão, 78% das entrevistadas não sentem traços de personalidade machistas em seus parceiros, 6,3% se abstiveram e 15,7% sentem traços machistas.

A maior parte das entrevistadas sentem que ela e o parceiro são iguais em relação ao trabalho, sendo que 19% não se sentem iguais e 6,3% não responderam a pergunta. Isso também fez com que a maioria delas respondessem que o parceiro lhe faz sentir empoderada e que não acreditam que o empoderamento feminino está relacionado a desigualdade de gênero, apesar de 20% não responderem sobre a desigualdade de gênero.

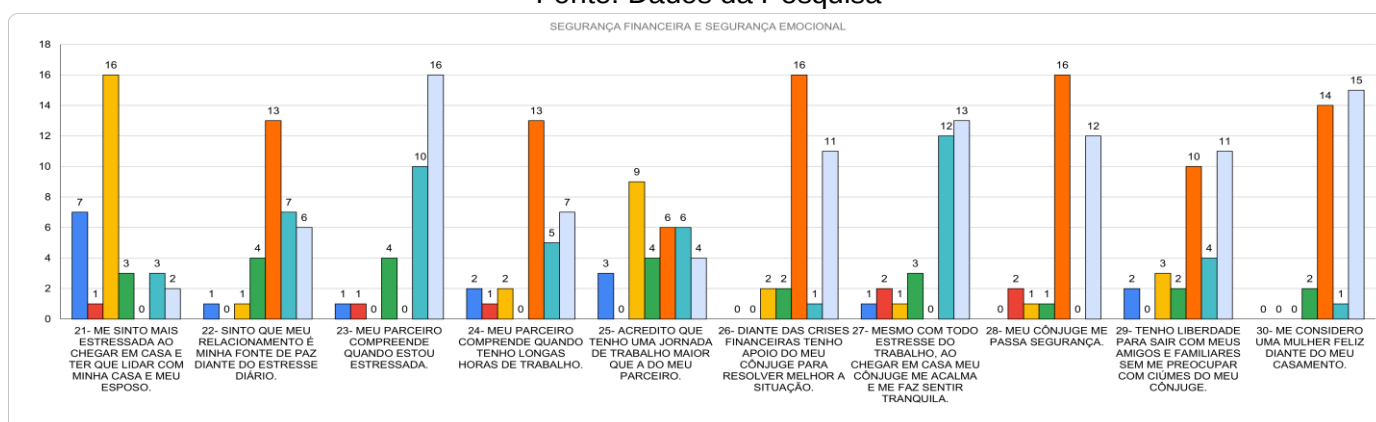
Quando questionadas se o parceiro possui personalidade e características de um cônjuge tradicional (que acredita que a responsabilidade do lar, família e filhos são somente da mulher), 22% das empreendedoras responderam de forma positiva, 3,1%

se abstiveram e 74,9 % discordaram. Nesse sentido, a maioria concordou que o parceiro tem personalidades e características de um cônjuge igualitário (que acredita que a responsabilidade do lar, família e filhos são de ambos).

Por fim, 72% responderam que recebeu ajuda financeiro do parceiro para realizar o empreendimento, enquanto 12,5 se abstiveram de responder e 15,5% responderam que não receberam.

Nessa parte do questionário, notou-se uma distribuição maior das respostas entre as opções positivas e negativas, apesar da maioria terem respondido positivamente, subiu o número de respostas negativas e abstinências sobre o comparativo sentimento x posicionamento das empreendedoras entrevistadas.

Gráfico 7: Percepção sobre segurança financeira x segurança emocional das empreendedoras entrevistadas
Fonte: Dados da Pesquisa



No último grupo de perguntas, apresentados na Tabela 3, foi analisado o perfil segurança financeiro x segurança emocional das empreendedoras entrevistadas.

A maior parte das entrevistadas responderam que não se sentem estressadas ao chegar em casa e ter que lidar com sua casa e seu esposo, 9% não responderam a pergunta e cerca de 15% responderam que se sentem estressadas. No mesmo sentido, a maior parte das empreendedoras entrevistadas sentem que o relacionamento é fonte de paz diante do estresse diário.

Quanto a sentirem a compreensão do parceiro quando estão estressadas, 81% responderam positivamente, 12,5% se abstiveram de responder e apenas 6,5% responderam de forma negativa.

Com base nos dados apresentados nos gráficos acima e nas respostas das empreendedoras entrevistadas, é possível concluir que o envolvimento do cônjuge tem um impacto significativo na conciliação da vida profissional e pessoal das mulheres empreendedoras. A maioria das entrevistadas relatou ter um equilíbrio tranquilo entre o dia a dia pessoal e o empreendimento, contando com o apoio e preocupação do parceiro em relação às suas emoções.

Em resumo, os dados indicam que o envolvimento do cônjuge desempenha um papel fundamental na conciliação da vida profissional e pessoal das mulheres empreendedoras. O apoio emocional, a divisão de responsabilidades e o incentivo às atividades profissionais são aspectos importantes que contribuem para o equilíbrio e a felicidade dessas empreendedoras. No entanto, ainda há desafios a serem superados, como a divisão igualitária das atividades domésticas e algumas percepções de repressão por parte do parceiro. Apesar da maioria das entrevistadas responderem positivamente quando questionadas se o parceiro compreende quando

elas tem longas jornada de trabalho, metade delas responderam que a jornada do parceiro é maior.

Quase 90% das entrevistadas disseram que possuem o apoio do parceiro para resolver as crises financeiras, sendo que apenas 6% discordaram e 4% não responderam a pergunta.

Em relação ao apoio do parceiro para lhe fazer sentir mais tranquila e lhe acalmar após chegar em casa estressada do trabalho, quase 80% responderam positivamente, 9,4% se abstiveram e 10,6% responderam no sentido de não se sentirem mais calmas ao lado do parceiro. No mesmo sentido, a maior parte delas afirmaram sentir segurança ao lado do parceiro e que se sentem feliz diante do casamento.

E para finalizar, quase 80% afirmaram que tem liberdade para sair com seus amigos e familiares sem se preocupar com o ciúmes do seu cônjuge, ao passo que 15,7% delas discordaram dessa pergunta e as demais não responderam.

Quanto ao comparativo segurança financeira x segurança emocional, é possível concluir que as empreendedoras entrevistadas do município de Lajinha/MG se sentem seguras ao lado do parceiro, tanto quando o assunto é pessoal, quanto no que diz respeito ao profissional.

3.2 Discussão dos resultados

Apesar da maioria das mulheres entrevistadas responderem positivamente para questões que envolvem o apoio do parceiro para equilibrar com tranquilidade a vida profissional e a vida pessoal, que estão felizes no casamento e que os companheiros entendem quando há sobrecarga de atenção na vida profissional, o número de abstinências nas respostas aumentou quando questionadas sobre perguntas relacionadas a desigualdade de gênero.

Seguindo o mesmo raciocínio, uma grande parte das entrevistadas consideram que o seu parceiro possui personalidades e características de um cônjuge tradicional (que acredita que a responsabilidade do lar, família e filhos são somente da mulher), que a mulher e o homem não são iguais em relação ao trabalho e que as atividades domésticas não são repartidas de forma igualitária entre eles, esse contexto corrobora com os estudos de Moletta (2020).

Observou-se também que a maior parte das mulheres empreendedoras já possuem mais de 10 anos de casada, possuem apenas dois filhos e estão na idade média de 30 a 40 anos.

Para Panda (2018), as restrições enfrentadas pelas mulheres empreendedoras nos países em desenvolvimento surgem da discriminação de gênero, conflito trabalho-família, dificuldade em levantar capital, falta de infraestrutura, negócios instáveis, ambientes econômicos e políticos, falta de treinamento e educação e diferenças de personalidade.

Neste contexto Rubio- Bañón e EstebanLloret, (2016) corroboram que a discriminação por gênero reflete em culturas estereotipadas masculinas. Culturas com alto valor na escala de masculinidade tendem a ter diferenças de gênero mais pronunciadas, portanto, pode-se esperar taxas mais altas de empreendedorismo masculino.

A discriminação de gênero estrutural é cultural e inerente a diversos aspectos de uma sociedade, tendo sido normalizada por muitas décadas. Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade considerada sexista. Dentre os vários setores da sociedade em que o pensamento sexista se faz presente, a família é um dos mais debatidos atualmente. Isso porque a maioria dos núcleos familiares, tanto dos países ocidentais

quanto dos orientais, é estruturada colocando a figura do homem/pai em uma posição de superioridade e atribuindo a ele o papel de sustentar a casa, enquanto a mulher é submissa à vontade masculina. Por mais que esse cenário esteja mudando e muitas famílias já não partilham desses pressupostos, a sociedade ainda é, em grande parte, patriarcal, ou seja, voltada para a figura do homem (MOLETTA, 2020).

Diante da pesquisa e dos pontos apresentados como controvérsias, pense no seguinte cenário: quando um homem resolve abrir o seu próprio negócio, ele irá focar naquilo 100% do seu tempo. Raramente terá outras preocupações que não estejam ligadas ao seu trabalho. A mulher, no entanto, não pode deixar nada de lado. Um estudo divulgado pelo IBGE (2021) mostrou que as mulheres dedicam quase o dobro do tempo que os homens aos serviços domésticos. A responsabilidade pelos filhos também acaba ficando com elas, na maior parte do tempo, resultado inclusive presente na pesquisa realizada.

Ser mulher e iniciar um empreendimento significa enfrentar responsabilidades e desafios além daqueles enfrentados por homens empreendedores. O empreendedorismo feminino traz consigo desafios diários inerentes aos processos de gestão empresarial e à rotina familiar.

4. CONCLUSÃO

Em resposta aos objetivos da pesquisa, o desenvolvimento do estudo de caso permitiu-nos evidenciar que o empreendedorismo feminino de 32 (trinta e duas) na cidade de Lajinha/MG, vai de encontro ao crescimento evidenciado na literatura que trata do assunto que ressalta o aumento na abertura de empresas tendo como proprietária as mulheres, sendo que para pesquisas futuras é necessário abranger o campo de pesquisa para outras localidades.

Diante da pesquisa realizada, a maioria das respostas foram positivas quanto ao apoio do parceiro para que a mulher possa tocar o empreendimento e ter sucesso. Isso demonstra a importância de as mulheres empreendedoras terem ao seu lado um parceiro igualitário.

Porém, mesmo a maioria das respostas terem sido positivas, ainda há questões que demonstram um traço machista da nossa sociedade, uma vez que, mesmo baixa, ainda houve um aumento das abstinências nas respostas relacionadas a questões de gênero, ou seja, algumas mulheres ainda possuem receio em responder questões relacionadas ao marido.

Mesmo em meio a muitos desafios, os empreendimentos femininos continuam a crescer e a mulher segue conquistando seu espaço na sociedade economicamente ativa no país, em busca da realização profissional.

Todavia, para que dê certo, é necessário planejamento, pois existem fases da vida da mulher nas quais será necessária dedicação maior em alguma área específica, o que é possível através de um bom planejamento contando com o apoio do parceiro, com prioridades bem estabelecidas na vida do casal, sem perder a qualidade de vida e os momentos em família, de modo que cada um casal consiga realizar seus sonhos e seguir com seus objetivos.

5. REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, J. M. & OLIVEIRA, L. (2002). **Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado**. Sociologia, Problemas e Práticas, 40, 45-61. Disponível em: <<https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/40/445.pdf>>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

ANDRADE, C., Postma, C. e Abraham, K. (1999). **Influence of women's work status on the well-being of Indian couples**. *International Journal of Psychiatry*, 45 (1), 65-75.

BORSA, J. C.; FEIL, C. F. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. *Psicologia.com.pt* - O Portal dos Psicólogos. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

BOZ, M., Martínez-Corts, I., & Munduate, L. (2015). **Types of combined family-to-work conflict and enrichment and subjective health in Spain: a gender perspective**. *Sex Roles*, 74(3-4), 136–153.

COUTINHO, M. L. R. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DUTRA, J. S. (1996). **Administração de carreiras: uma proposta para repensar a gestão de pessoas**. Atlas: São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12132/tde-26042023-113451/en.php>>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil – relatório executivo**. Curitiba: IBQP, 2022. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/05/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf>.

GOMES, A. F., & SANTANA, W. G. P. (2004). **As habilidades de relacionamento interpessoal de mulheres que trabalham por conta própria: o caso de Vitória da Conquista-BA**. In: *Anais do Seminário de Administração (Semead)*, São Paulo, SP, Brasil, 7.

GREENHAUS, J. H., ALLEN, T. D., & SPECTOR, P. E. (2015). **Health consequences of work–Family conflict: The dark side of the work–family interface**. *Research in Occupational Stress and Well-Being*, 61–98.

HALL, D. T. (2002). **Careers in and out of Organizations**. Londres: Sage. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=5105576&pid=S0104-7841201800010000800024&lng=pt>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

HALL, D. T., & Gordon, F. E. (1973). **Career choices of married women: effects on conflict, role behavior and satisfaction**. *Journal of Applied Psychology*, 58(1), 42-48. doi: 10.1037/h0035404

HAIR Jr.; J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Tradução Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2005

HYTTI, Ulla et al. **Navigating the family business: A gendered analysis of identity construction of daughters**. *International Small Business Journal*, v. 35, n. 6, p. 665-686, 2017.

JONATHAN, E. G. **Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder**. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.

LEONE, E. T. **Renda familiar e trabalho da mulher na região metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90**. In: ROCHA, M. I. B. (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/ São Paulo: 34, 2000.

LIPOVETSKY, G. (2000). **A terceira mulher: permanência e evolução do papel feminino**. São Paulo: Companhia das Letras.

Machado, H. P. V., St-Cyr, L., Mione, A., & Alves, M. C. M. (2003, julho/dezembro). **O processo de criação de empresas por mulheres**. Revista de Administração de Empresas, RAE Eletrônica, 2(2), 6-20.

MALUF, Vera. **Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea**. São Paulo: Atheneu, 2012.

MOLETTA, Juliana. **Relação entre empreendedorismo feminino e qualidade de vida: análise em uma rede de mulheres empreendedoras no interior do paraná**. Disponível em: <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4994>>. Acesso em: 29 de jun. 2023.

NAIDU, Suwastika; CHAND, Anand. **National culture, gender inequality and women's success in micro, small and medium enterprises**. Social Indicators Research, v. 130, n. 2, p. 647-664, 2017.

PANDA, Swati. **Constraints faced by women entrepreneurs in developing countries: review and ranking**. Gender in Management: An International Journal, v. 33, n. 4, p. 315-331, 2018.

PAPALIA, D. E & OLDS, S. (2000). **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed.

RAPOPORT, R. & Rapoport R. N. (1976). **Dual-career families. First edition published by Harmondsworth**. London: Penguin Books.

ROCHA-COUTINHO, M. L (2000). **Dos contos de fadas aos superheróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades**. Psicologia Clínica, 12 (2), 65-82.

RUBIO-BANON, Alicia; ESTEBAN-LLORET, Nuria. **Cultural factors and gender role in female entrepreneurship**. Suma de Negocios, v. 7, n. 15, p. 9-17, 2016.

SCOTT, J. W. (1995). **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade.

STEAD, Valerie. **Belonging and women entrepreneurs: Women's navigation of gendered assumptions in entrepreneurial practice**. International Small Business Journal, v. 35, n. 1, p. 61-77, 2017.

VENTURA, M.M. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. Revista SOCERJ, v.20, n.5, p. 383-386, 2007.

YANNOULAS, S. C. (2013). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré.

WELSH, D., & Dragusin, M. (2006). **Women-entrepreneurs: a dynamic force of small business sector**. Economic Amphitheatre Journal.